

Let
TUDE M. DE SOUSA
REGENTE FLORESTAL

A tradição,

o valor

e o culto

ARVORE

— ❖ —

Palestra realizada em sessão publica
na celebração da FESTA DA ARVORE,
no dia 9 de Março de 1913, aos
alunos da escola de Instrucção
primaria das Caldas do Seréz.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
—
1913

7p. leg.

A tradição,

o valor

e o culto

DA

ARVORE

Do mesmo auctor

REGIMEN PÁSTORIL DOS POVOS DA SERRA DO GEREZ (separata do fascículo 3 do tomo II da PORTUGALIA—1907).

REGIMEN PASTORIL DOS POVOS DA SERRA DO GEREZ (separata do fascículo 4 do tomo II do PORTUGALIA—1908).

SERRA DO GEREZ—Estudos, Aspectos, Paisagens. (Livraria Chardron, editora—1909).

A ARVORE—Leituras florestaes para crianças. (Livraria Chardron, editora—1912).

7630
TUDÉ M. DE SOUSA
Regente Florestal

IMP LEG

A tradição,

o valor

e o culto

DA

ARVORE

— ❖ ❖ ❖ —
Palestra realizada em sessão publica
na celebração da FESTA DA ARVORE,
no dia 9 de Março de 1913, aos
alunos da escola de instrução
primaria das Caldas do Seriz.



55455



— * * * —
PORTO — * * * —
LIVRARIA CHARDON
— * * * —
Rua das Carmelitas, 144 — * * * —
— * * * —
1913 — * * * —

TYPOGRAPHIA PROGRESSO
DE DOMINGOS AUGUSTO DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos, 91
PORTO

PRINCIPALMENTE

Aos Povos da Serra do Gerez

para que elles, pelo amor às arvores,

fomentem a riqueza da sua terra

DEDICA

O Auctor.

A festa era das crianças e para as crianças, mas, tanto como ellas, mais do que ellas ainda, precisavam os adultos de ouvir a boa palavra.

Foi por isso que a esta palestra se deu maior desenvolvimento: para que a lição pudesse servir já de alguma utilidade ao numeroso publico de diferentes terras visinhas que a ella assistia e d'ella quizesse tirar algum proveito.

Tude M. de Sousa.

MEUS RAPAZES E MEUS AMIGOS:

A festa de hoje é toda vossa. E' uma festa de educação; é uma festa de futuro.

A esta hora, em todo o paiz, nas grandes cidades e nos mais modestos povoados se estão realisando solemnidades eguaes, para ensinar a todas as crianças de Portugal a grande lição patriótica e moral que se encerra no amor e no culto que todos devemos ter para com as arvores.

Semear arvores, plantar arvores e criá-las com carinho e respeitá-las com devoção, é ser-se bom, é ter boa alma e bom coração, porque as arvores nascem, crescem e vivem uma vida propria e independente, que nos deve merecer estima e nos deve merecer apreço.

Além d'isso, as arvores produzem riqueza

para o paiz e tudo quanto concorra para augmentar a riqueza da nossa terra, é uma maneira de amar a Patria.

A Patria, meus rapazes, é a terra onde nascemos e é ainda todo o territorio portuguez, coberto pelo mesmo ceu, povoado de gentes com a mesma lingua, os mesmos costumes, as mesmas tradiçõs e a mesma historia.

A terra da Patria é aquella que os nossos avós pizaram e pela qual se bateram e trabalharam; é a mesma de que cada um de nós, por mais longe que esteja, ambicionará um dia os quatro palmos de uma sepultura, para ainda na morte os beijar com saudade.

Pois bem, meus amigos: aprendei a amar a Patria Portugueza, por todas as maneiras em que ella peça o vosso sacrificio e o vosso trabalho.

Portugal é a nossa grande Patria; mas a vossa pequena Patria, por onde deverá começar a enraizar-se o vosso amor, é esta abençoada região do Gerez, linda, attrahente e rica de paizagens como poucas e rica de futuro como raras.

Se todos vós trabalhades por ella com carinho e com desvanecimento dentro dos limites das vossas forças, ajudando sempre, não contrariando nunca as obras de progresso e de civilisação que se lhe trouxerem, vós contribuireis para o engrandecimento da vossa terra, que vos dará felicidade e dará felicidade aos vossos successores.

A riqueza de uma nação é tanto mais importante, quanto maior fôr a somma parcial das riquezas produzidas, criadas e desenvolvidas nas suas aldeias, nas suas villas e cidades e nas suas provincias.

Ora, as arvores são uma das melhores fontes de riqueza e de prosperidade publicas que se podem dar a um paiz, porque são sem conta os proveitos que d'ellas se podem tirar.

E' ella que dá a trave que sustenta o tecto das nossas casas; os soalhos que lhes dão os pavimentos; as janellas que nos defendem contra o frio e contra o vento; é ella que nos dá as mobílias, os carros e muitos instrumentos da lavoura; das arvores se fizeram os primeiros barcos que levaram os navegadores

portuguezes pelos mares fóra, á descoberta de novos continentes: á Africa, á America, á Asia e á Oceania.

E' preciso que vos diga que Portugal foi um dos mais arrojados povos do mundo, indo pelos mares á conquista de longes terras, que ainda hoje, representadas nas colonias, que d'esse tempo nos restam, constituem um dos nossos melhores titulos de gloria e de consideração perante o mundo.

Pois, meus amigos, se não houvesse ao tempo grandes arvores, de onde se puderam talhar as quilhas e os bordos dos ligeiros barcos da epocha e outras de altas vergas, de onde se lhes puderam afeiçoar os mastros para o velame, nós não teríamos sido o povo heroicamente aventureiro que então fômos.

A arvore dá a lenha, e todos vós sabeis o papel que a lenha representa nas vossas casas, quando a chuva, o vento e o frio vos encharcam e vos enregelam.

O lume vos substitue muitas vezes as roupas, que nem sempre e nem todos tendes.

Das arvores se tira a cortiça, as landes,

as resinas, muitas tintas; com muitas arvores, como os pinheiros, os choupos, os vidoeiros e outras se faz papel.

São reduzidas a uma pasta e d'essa pasta depois, empregada só, ou misturada a pasta feita de trapos, se fabrica papel.

Tambem por processos especiaes se consegue transformar o lenho de certas arvores em uma massa especial que se reduz a fios muito finos e se transforma em tecidos, que parecem de seda e são mesmo conhecidos pelo nome de *seda artificial* ou *seda vegetal*.

A seda verdadeira, esse producto fino e caro a que só os ricos podem chegar, é obtida por meio do *bicho da seda*, tambem chamado *sirgo*.

É curiosa a maneira como se produz a seda.

Ha uma borboleta especial: essa borboleta põe muitos ovos pequeninos; dos ovos fecundos nascem umas *lagartas* ou *larvas* e essas lagartas sustentam-se com folhas de amoreira e vão crescendo até um certo tamanho, começando depois a tecer, com um fiosinho finissimo de uma baba especial, um casulo, dentro

do qual ficam vivos sob uma fórma chamada *crysalida* ou *nimpha*.

Passado tempo, d'estas crysalidas sahem as borboletas: estas rompem os casulos com muito cuidado, sem lhes partirem os fios da seda e sahem, vindo depois pôr os ovos para morrem em seguida, porque ellas não comem nada, não durando por isso mais de uns 12 dias.

Dos casulos obtem-se depois a seda de que elles são formados.

A proposito vos direi que é egual á d'esta borboleta a vida de todas as outras que vêdes pelo ar: as borboletas põem ovos e morrem; dos ovos nascem as lagartas, estas transformam-se em crysalidas e d'estas sahem outra vez as borboletas.

As borboletas e outros insectos são todos oviparos, quer dizer que nascem de ovos e todos teem aquellas tres phases de vida.

Mas veio isto para vos dizer que ainda para a industria da seda, que já teve uma grande importancia em Portugal, principalmente na provincia de Traz-os-Montes, e que ainda a pôde vir a readquirir e convém que assim

succeda, se muitas iniciativas se conjugarem n'esse sentido, é indispensavel o auxilio da arvore, porque o bicho da seda, o da melhor seda, só se sustenta com folhas de amoreira.

E' uma industria caseira, que todas as familias podem exercer e que a todas as familias aconselho; servindo-lhes de distracção e sem lhes tomar grande tempo, a criação do sirgo dar-lhes-hia um rendimento apreciavel pela venda dos casulos.

A canfora, usada nas pharmacias; a kola, que se dá aos doentes, para lhes levantar as forças; o cacau, que se toma só ou transformado em chocolate, em cuja formação entra; o chá e o café que todos conheceis; a quina que nos tira as febres, tudo isso são productos das arvores.

E já vos não fallo dos fructos, dos que se colhem nos montes e dos que se cultivam nos campos, tão variados e tão saborosos, porque tão generosa e tão prodiga é com elles a natureza, que não ha ninguem que não saiba que elles nos são todos dados pelas arvores abençoadas que os produzem.

Vou ainda explicar-vos como é que as arvores são uteis por muitas outras maneiras.

Todos sabem a grande importancia que a humidade e as chuvas teem para os trabalhos da lavoura.

Pois as arvores são um grande meio de produzir humidade e chuva, e bem averiguado está que as chuvas são mais frequentes e mais regulares em regiões onde houver muito arvoredo.

As nascentes e as fontes de onde nós bebemos são geradas pelas chuvas. A agua da chuva cae e entranha-se na terra até certa profundidade, onde pára, formando um lençol; depois vae passando a pouco e pouco pela terra e pelo meio das raizes das arvores, até encontrar sahida.

Então a agua vem capaz de se beber e diz-se que é *potavel*.

Mas olhae que se a terra onde chove é despida de hervas e de arvores, a chuva pouco se entranha; e sendo em serras, foge rapidamente pelas encostas abaixo.

De fórma que a arborisação é o melhor meio de garantir a conservação da agua nos terrenos e a fixação e permanencia das nascentes.

Tambem as arvores servem para amparar e livrar dos ventos, e visto que assim é e ellas dão agua, dão frescura, dão humidade e dão sombra, e por outro lado beneficiam e purificam o ar, ellas influem poderosamente na melhoria do clima.

Nas serras as arvores teem um papel muito importante e muito especial.

Ellas servem para segurar as pedras e para segurar as terras, quebrando d'esta maneira a força das enxurradas e evitando que as chuvas e as terras das encostas venham arrazar as terras dos valles, onde em geral estão os povoados e as lavouras.

Nas alturas a neve vae-se juntando e accumulando de maneira a fazer-se um grande deposito d'ella, e como a neve e os gêlos são a agua tornada sólida, quando vem o calor vão-se derretendo e entranhando na terra, concorrendo assim para a criação de verda-

deiros depositos de agua na serra e d'ahi nascem os rios e as aguas das ravinhas.

A agua, cahindo de certa altura, produz força e com esta força se fazem andar os moinhos e os lagares e grandes machinas de fabricas, onde trabalha muita gente.

D'antes as machinas das grandes fabricas eram principalmente movidas a vapor, gastando-se muito combustivel para o fazer, em especial a hulha ou carvão de pedra e por isso á agua dos rios, dos ribeiros e das ravinhas, aproveitada em quedas para produzir força, se chamou a *hulha branca*.

Mais modernamente ás quedas de agua das serras, despenhando-se das alturas em torrentes a correr entre verdura e arvoredos, tem-se chamado a *hulha verde*.

A serra é, por assim dizer, um amontoado de pedras de todos os tamanhos, pouco valorizada e com poucos meios de valorisação, se não se cuidar d'ella.

Ora, as arvores são o melhor meio de lhe

dar merecimento, transformando os seus penedos em verdadeira riqueza, riqueza de dinheiro e riqueza de outros valores, entre os quaes está tambem nos primeiros logares a belleza da paizagem.

Dentro de poucos annos, podeis ter a certeza d'isso, a serra do Gerez será uma grande fonte de trabalho e de prosperidade para os seus habitantes: quando pela serra se ouvirem as grandes officinas e as grandes serrações; quando toda a riqueza que se anda a criar tiver de ser explorada, pela fabricação de todas as madeiras e pela extracção de resinas dos pinhaes e quando das mattas se tirarem todos os productos que ellas encerram, então o Gerez terá alcançado mais um grande titulo de preferencia, além dos que já possui e vereis como aqui correrá gente ao trabalho, como a povoação crescerá e como o dinheiro não faltará nunca a quem o quizer ganhar pelo esforço digno e honrado e certo do seu trabalho, porque só a riqueza arranjada com honra e sem vergonhas nobilita e engrandece o caracter dos homens.

Por outro lado, muitos apaixonados das bellezas naturaes, aqui correrão a apreciar as grandes encostas cheias de arvores, as suas ravinas cheias de agua, as suas alturas cheias de lindos pontos de vista.

Tirae ao Bom Jesus de Braga a sua matta; tirae ao Bussaco, que é uma pequena matta, mas que é um grande monumento nacional de arborisação, tirae a muitos outros pontos as arvores que os tornam dignos e celebres e elles ficarão sem valor.

Tirae a Leonte os seus velhos carvalhos; despi as encostas da Bargiella, arrancae todos os vegetaes que dão tanta vida aos montes, e a vista não logrará alcançar senão uma paizagem morta, sem apreço e sem valimento.

Além d'isto, ha os pontos de vista e os sitios pittorescos, que tambem é preciso respeitar: a Pedra Bella e a cascata do Torgo; o Cabril e a Ponte Feia; a Borrageira e o Cantarello; o valle do Rio Homem e a Bargiella e ainda mais, são outros tantos motivos de attracção que o Gerez encerra.

E' preciso educar o espirito e afinar o gosto pelo bello e aprenderdes a saber que muitas vezes uma pedra, uma cascata, um grupo de arvores, um alto ponto de vista, etc., valem consideraveis sommas para as intelligencias cultas e artisticas, que aos seus pés veem render tributos de admiração.

Ha um paiz, pequeno como o nosso e quasi todo coberto de montanhas; é a Suissa.

Pois a Suissa tira da serra bem melhor proveito e bem melhor partido do que muitos outros paizes, onde a terra é com abundancia e a planicie com fartura.

Lá a floresta é uma das melhores riquezas e onde as chãs e as suaves encostas o permitem, faz-se o centro da pastoreação das vaccas, que é o gado que mais abunda e com o qual teem especialissimos cuidados, para que as suas raças se mantenham puras.

Lá, como aqui, as vaccas sóbem em Maio para a serra e n'ella se conservam todo o verão.

Nas planicies, ou *curraes*, como no Gerez se lhes chama, tem chalets de madeira e officinas de fabricação de manteiga e queijo e todos os dias as vaccas das freguezias são mungidas e o leite fabricado.

No fim do verão os gados descem, como cá, ás freguezias, e n'ellas se continua o trabalho de fabrico, como antes se fazia na serra.

Na montanha o que principalmente se faz é o queijo chamado *gruyère*: são queijos, grandes como rodas de carros, feitos com alguns almudes de leite.

Como o queijo se conserva melhor e é de mais facil conducção e guarda do que a manteiga, tem elle a preferencia em condições especiaes.

Os lavradores todos, grandes e pequenos associam-se para a exploração commum das suas vaccas.

D'esta maneira pequenas freguezias conseguem produzir grandes rendimentos.

Mas a Suissa, deixem-me dizer-lhes, é um paiz modelar, é um paiz instruido e educado,

em que quasi todos os cidadãos sabem lêr e teem a consciencia do seu valor civico, dos seus direitos e dos seus deveres.

E' pois na escola que está um dos grandes meios de progresso de uma nação e por isso foi que no dia de hoje se fizeram interessar na celebração da *Arvore* quasi todas as escolas de Portugal, promovendo uma festa patriotica, á qual o Gerez tambem se quiz associar, pela sua escola, que é inegavelmente um dos maiores e um dos melhores donativos que teem sido feitos a esta terra.

Mas, continuemos a fallar das arvores.

A' beira-mar está-se sempre em um imminente perigo de vêr as terras inutilisadas pelas areias que são arrojadas á praia.

Cada anno a areia augmenta, formando grandes medões chamados *dunas*, e o que ainda é peor, essa areia vae caminhando e vae-se internando de anno para anno, se não se lhe acudir.

E como evitar isso?

Só ha um meio: as arvores e principalmente os pinheiros.

Semeando pinhaes nas areias movediças, invasoras e estereis, lançadas á praia pelo mar, a duna pára, de maneira que o pinhal tem a dupla função de ser barreira de defeza invencivel e de produzir uma importante riqueza.

Antigamente, em tempos muito affastados das modernas civilisações, as florestas eram tidas como sagradas e tanto que n'ellas se celebravam muitas solemnidades ás divindades que se adoravam e á sombra de velhas arvores se realisavam actos dos mais solemnnes para a vida dos povos.

Na Hollanda, na provincia de Drenthe; os lavradores reúnem-se ainda agora debaixo de velhas carvalheiras e alli resolvem em que epocha se deve lavrar, semear e ceifar.

Esta velha usança, tem aqui no Gerez practicas semelhantes, representando uma sobrevivencia notavel de tempos idos, em que o homem, senhor absoluto da communitade da terra, deliberava em pura democracia o que á communitade interessava.

Como na Hollanda, os lavradores do Villar da Veiga, reúnem á sombra das carvalheiras seculares da Moldeira, e allí discutem os interesses communs da freguezia; como na Hollanda, os lavradores de Covide e de S. João do Campo, deliberam sobre contendias, sobre gados, sobre usos e servidões; como na Hollanda, os visinhos de Villarinho da Furna resolvem em discussão commum quando se lavrará, semeará e colherá; quando se taparão os campos e quando se soltarão as aguas.

Nos povos do Gerez estão pois enraizadas, com um purismo que os honra, tradições em que muito ha que aprender.

A própria utilidade das arvores está implicitamente reconhecida em muitos dos seus actos.

Em todos os curraes havia o cuidado de plantar arvores.

Porquê? Para quê?

Para darem frescura áquellas nesgas de melhor terreno e favorecer n'elle a criação das hervas; para produzirem sombra que abrigasse os gados do calôr do sol.

O respeito pelas arvores dos curraes é a prova do reconhecimento das suas vantagens.

Lá fóra, n'outros paizes, onde a montanha é tratada com amor e explorada com intelligencia, nos curraes põem para esse effeito pequenos grupos de uns pinheiros que perdem a folha de inverno e de que ha cá tambem alguns plantados na serra (1).

Esses pinheiros dão sombra e frescura de verão e no inverno a folha cae e estruma a terra.

Nas encostas, onde quasi só ha pedras, põem-se e semeiam-se arvores, o que favorece muito a conservação das pastagens e a conservação das aguas.

No Gerez, infelizmente, lá para os altos, lá para longe, tudo desaparece e é difficil encontrar lenha para uma fogueira, sombra para um dia de calma.

Mas estou em que o Gerez se ha-de ir pouco a pouco transformando.

(1) É o melèza (*Larix europæa*).

E' para isso que o Estado trabalha, desenvolvendo aqui a arborisação florestal da serra.

O futuro do Gerez está na floresta, eu vol-o afixaço.

Agora já, é ella que mais do que ninguem consegue fixar nas Caldas uma população que só cá encontra os seus meios de subsistencia.

De inverno os pobres não teriam nenhum recurso para ganhar a vida e no outro tempo e sempre é ainda a matta que lhes proporciona trabalho.

A matta do Gerez distribue por anno entre 8 e 10 contos de réis entre empregados e trabalhadores e isso representa uma riqueza importante para uma tão pequena povoação.

E' por isso que eu vos peço a todos que sejaes amigos da matta e que a respeiteis, porque ella tem sido e é o vosso melhor amigo e a vossa mais segura garantia de prosperidade.

Eu, todos vós o sabeis, não sou do Gerez, não tenho aqui propriedades, não tenho aqui interesses de raiz: pode dizer-se que estou aqui

de passagem; mas, vós o sabeis também, eu tenho sido sempre um constante prégador a favor do Gerez, das suas bellezas, e do seu futuro. E isto só pelo reconhecimento do muito que o Gerez vale e do mais que virá ainda a valer; só pelo amor que tenho ao paiz, que é de nós todos, e para o qual todos temos obrigação de trabalhar.

Emfim, meus amigos, vou terminar, porque já é tempo de dar largas á attenção com que me tendes escutado.

No seculo xvii o medico do rei de França mandou vir de fóra e plantar a primeira aca-cia espinhosa, que veio para a Europa e que é d'essas que conheceis de lindos cachos de flô-res brancas. Pois essa arvore ainda ha annos existia com mais de 250 annos de idade e não sei se ainda existe, mas tal era a veneração tida pelos seus annos, e pela tradicção que representava que a administração do jardim onde ella estava, mandou cingil-a com cintas de ferro, para resistir aos temporaes e encher

de gesso as cavidades abertas pela idade, para evitar corrosões maiores.

E' o respeito que se deve ter pela velhice!

No convento de Tibães houve um frade, que depois foi capellão de infantaria 13, em Chaves, que dava de penitencia aos seus confessados que plantassem arvores e diz-se tambem que em Pitões houvera um abbade que fazia a mesma cousa.

Na cerca do convento do Bussaco, os frades tinham por obrigação plantar em cada anno um certo numero de arvores e o papa publicou uma ordem de excommunhão contra quem cortasse alguma arvore da cerca.

E sabeis o que aconteceu com isto?

E' que hoje o Bussaco é uma das mais lindas mattas de Portugal, que grande numero de nacionaes e de estrangeiros não se cançam de ir expressamente admirar.

Os philosophos do seculo XVIII diziam que plantar uma arvore era praticar um acto de virtude: eu vos afianço, pois, aqui, sem ser nem philosopho nem sabio, mas apenas um simples cidadão e funcionario do vosso tempo,

que vós todos deveis estar contentes, porque todos collaborasteis hoje na pratica de uma grande obra de virtude e de civilisação.

Plantasteis duas arvores: que a licção vos sirva de exemplo para todo o vosso futuro; ellas ficam entregues aos vossos cuidados e á vossa protecção.

Olhae por ellas; tratae-as; regae-as no verão e defendei-as sempre.

Dentro de poucos annos ellas serão o vosso orgulho e darão em belleza á avenida da vossa terra o premio do vosso trabalho.



LIVRARIA CHARDRON

DE LELO & IRMÃO

RUA DAS CARMELITAS, 144—PORTO

COELHO NETO

Esfinge	600
Sertão	600
Água de Juventa	700
A Bico de pena	700
Romanceiro	500
Jardim das Oliveiras	500
Fabulário	500
Miragem, romance, 1 vol.	600
Teatro, vol. I	800
Teatro, vol. II	400
Quebranto (teatro), IV vol.	500
Teatro, vol. V	no preço
Apólogos	500
Mistério do Natal	500
Inverno em flor	700
O Morto	600
Banzo	500
A Conquista	700
Rei negro	no preço

VICENTE DE CARVALHO

Poemas e Canções	600
Versos da Mocidade	600

JOÃO GRAVE

Os famintos	500
A eterna mentira	600
O último fauno	500
O Passado	500
Gente pobre	600
Jornada romântica	600

ABEL BOTELHO

Patologia Social

I—O Barão de Laves, romance, 3. ^a edição, 1 vol.	800
II—O Livro de Alda, romance, 1 vol.	800
III—Amanhã, romance do proletariado, 1 vol.	1\$000
IV—Fatal dilema, 1 vol.	800
V—Próspero Fortuna, 1 v.	1\$000

Sem remédio, romance, 1 v.	700
Os Lázarus, romance, 1 vol.	700
Mulheres da Beira, 1 vol.	700
Idílio triste, romance	no preço

MATEUS DE ALBUQUERQUE

Visionário	500
----------------------	-----

TEOFILO BRAGA

Visão dos Tempos, 4 vol.	2\$400
----------------------------------	--------

Alma Portuguesa

Viriato	600
Frei Gil de Santarem	600
Os Doze de Inglaterra	500
Gomes Freire	600

História da Literatura Portuguesa

Introdução e Teoria da História da Literatura portuguesa, 1 vol.	700
Bernardim Ribeiro e o Bucolicismo, 1 vol.	700
Gil Vicente e as Origens do Teatro nacional, 1 vol.	800
Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro nacional, 1 vol.	800
Sá de Miranda e a Escola Italiana, 1 vol.	700
Camões—Vida e Epoca, 1 grosso vol.	1\$200
—Obra (Bibliografia camoneana)	1\$200
Camões e o Sentimento nacional, 1 vol.	600
A Arcádia lusitana, 1 vol.	1\$000
Filinto e os Dissidentes da Arcádia, 1 vol.	1\$200
Bocage, sua vida e Epoca literária, 1 vol.	1\$000
Garrett e o Romantismo, 1 vol.	800
Garrett e os Dramas românticos, 1 vol.	1\$200
As modernas Ideias na Literatura portuguesa, 2 v.	1\$500
Recapitulação da História da literatura, 1 vol. Eda- do Média	800
Renascença	no preço

Pátria portuguesa	600
Lendas Cristãs	700
Sistema de sociologia	1\$500
Cancioneiro português da Vaticana, edição crítica	5\$000

Envia-se o catalogo gratis, a quem o requisitar